83
3

V/151

I.S.C.E.F.

Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras

3949

Finalistas dos Cursos 1942-1943

V.
151

I. S. E. G.
Biblioteca
LF4883.M53
1943

Aos nossos pais

Aos nossos mestres

I. S. C. E. F.

3949

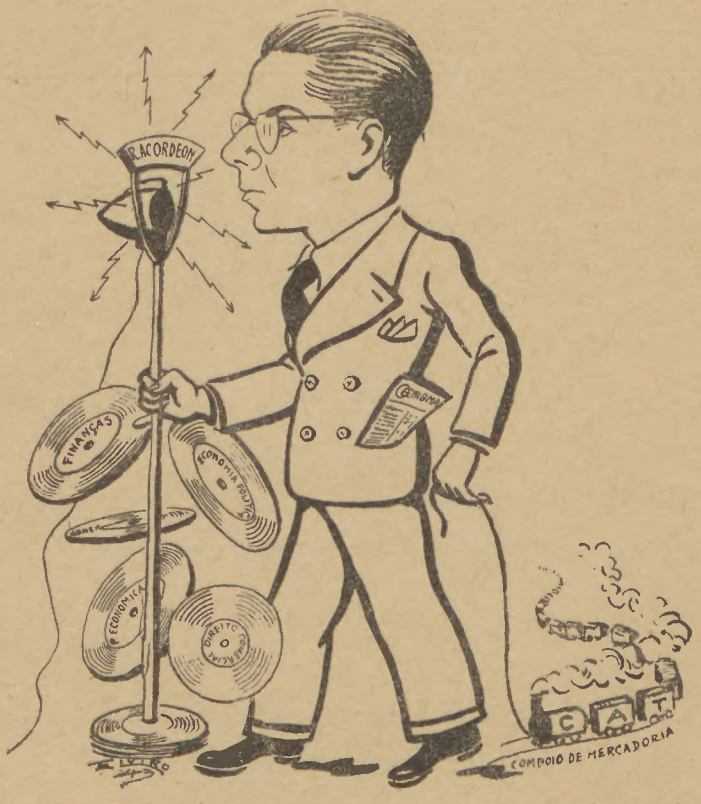
A CAMINHO...

Mudou tudo! Vai mudar a Vida!
Acabaram-se os tempos de estudante.
Assim como os levaste de vencida
Que venças também vida adiante.

Se chegares ao alto da subida
Vencendo... Não sejas arrogante.
Oferece a tua ajuda conduída
Ao que a meio da ladeira anda ofegante.

Estende a mão leal e camarada
Ao que sossobrar nesta escalada
Pois êle da mesma Escola é também fruto

E para aquêle que errar... Boca fechada.
Em vez de dizer mal... Não digas nada:
Honrar-te-às a ti e ao INSTITUTO.


R. ACORDEON
FINANÇAS
ECONOMIA
ECONOMIA
DIREITO
COMBOIO DE MERCADORIA

Alberto dos Reis Represas

Era uma vês um rapaz...
Tinha um azar... era gago...
E quiz um dia ser capaz
De falar bem... explicado...

Pensou com grande atenção,
Gastando nisso noite e dia,
Até que achou a solução:
Locutor de radiofonia!!

E do Rádio Acordeão
O paciente auditor
Aturou com resignação
A gaguez do locutor.

Mas quem porfia sempre alcança,
Diz um antigo rifão,
Porque teve perseverança,
Fala hoje com correcção!

Um outro caso eu conheço,
Identico no porfiar,
Sou eu — ora a fazer versos —
Ora em público cantar...

Já tínhamos um juíz fadista
chamado António Menano.
Temos agora um Economista
Irradiando canções ao piano...

Na verdade em Portugal
Anda já tudo virado
Pois se até acham natural
Qu'eu faça versos de pé quebrado!

JOSÉ O'NEILL GOUVEIA

ENSINO
TECNICO
A.C.L. I.C.L.
DIPLOMACIA
RUGBY
CAIXOTE DOS
OBJETOS
FORA DE USO

António Alexandre Pereira da Silva

Graças à fada «Paciência»
E ao génio »fôrça de vontade»
Já tocas a méta, amigo,
Vais ser doutor:
E em verdade te digo
E demonstro à evidência:
Um curso só tem valor
Quando nos obriga, dia a dia
A suar,
E tanto, Virgem Maria,
Que se formaria um mar.

Quem tenha desde bébé
Um papázinho indulgente
A mandar «massas» à gente,
Não pode saber o que é
Um curso tal qual o teu

* * *

— Seis horas mestre de «Fias»
No teu amado Ateneu;
Seis horas todos os dias
No velho «Comercial»
Mais outras seis por teu mal
«Agüentando»
As aulas do Instituto:
Umas oito orientando
Escritas, eu não sei quantas:
E ainda mais um minuto
Para estudar um pouco...
(Além de certa obrigação epistolar
Que eu não cito, não te vás zangar...)
Qualquer daria em louco
Mas tu, — não tens vagar:

* * *

E se alguma vez te «esticaste» em Economias
Foi só pelo hábito de esticar os dias:

* * *

Há quem se atreva a dizer
Que em teus deveneios de amor
Na altura de beijar
— Perdoa caro doutor,
Mas isto é biografia —
Só és capaz de o fazer
Em Taquigrafia.

* * *

Meu caro Torreense, forte e são,
Uma vez tuas aulas terminadas,
Consente que te aperte ao coração!
E se quizeres chorar de comoção,
Vem «ATOINO» aos braços do

António Bello de Ortigão Ramos

Alto, forte, espadaúdo
Ama a vela, o remo, o estudo
Tudo na calma, sem excessos.
Segundo rezam as crónicas
Para êle a mnemónicas
São o melhor dos processos.

Às vezes, êste rapaz
Deixa o estudo para traz
Só para o remo treinar.
Pascal, Cauchy, Galileu
Nenhum na História apareceu
Num «Shell» de 4 a remar.

Mas talvez tenha razão
Em nos lembrar a lição
A tirar dêste conceito:
A regata desta vida
Levá-la-á de vencida
Quem remar forte e direito.

António Cândido Osório Júnior

Pernalta e bem parecido. Uns pequeninos olhos
por detraz de diafanas lentes, a marcar-te
essa nobre expressão de misticismo, e a arte
galante a desdenhar da vida os seus escolhos!

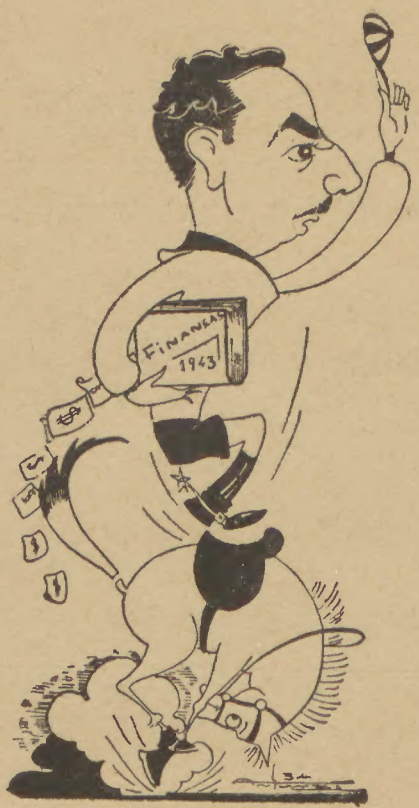
Com indiferença arrostas por e em tôda a parte,
satânicos sorrisos... zombaria a mólhos
do «Factor Económico» mordaz... E dos fólhos,
fôlhas, se quizeres, das Finanças vais safar-te,

habilmente e rindo, num desdém superior
pelo vil metal! . . . . . .
. . . . . E agora.. o sossêgo da alma...
e um coração sensível, sequioso de amor...

... e poesia!... A Chopin levas, no piano, a palma...
... Um «swing» em fria noite... sabe bem, mas m'lhor
sabe 'inda um fofinho «maple»... se a tarde encalma!...

Lisboa, Maio de 1943

ALBANO MENANA


FINANZA
1943

António Maria de Jesus Tomé

Cavaleiro de belo porte
Para mostrar bem o que é
Afronta perigos de morte
Para não andar a pé.

No seu ginete afamado
Preferido em mil remontas
Anda sempre aprumado
Segurando as suas contas.

Com seu aspecto pimpão
Ganhará um prémio justo
Apanhando um trambulhão
Para lhe fazer passar o susto.

E se depois desta prova
Continuar na mesma fé
Comece uma vida nova
Deixe o burro e ande a pé.

António Mendes dos Santos

Com dois metros e tal de corpo inteiro
É quási atleta de rasgadas famas:
É que êle é às a dominar as «damas»
Quando as joga, feliz... no tabuleiro!

As outras, essas damas carne e osso,
— Loiras, morenas, que êle tanto adora! —
Jamais lhe deram trela, muito embora
Achem de facto que êle é um colosso!

E a maldizer os dotes tão ingratos
Do seu corpo já farto de crescer,
Amigo Mendes resolveu fazer
Festas aos cães, aos burros e aos gatos!...

E agora, oh moças de cabelo ao vento,
Moças sonhando num melhor futuro,
Olhai o Mendes, que êle, se é «maduro»,
Também pode servir para... casamento!

GARCIA MARTINS

ORTIZ

Armando Rodrigues Beja

Sempre traz na botoeira
Bonita «Rosa» com viço
Êste Beja da Figueira
Nascido lá no Carriço.

Mas não sejas matulão,
Os teus vícios tens de perder...
Deixa-te do garrafão
E água pura vai beber...

Apesar de lá nascido
Gosto mais da beira mar,
Pois é aí que tem vivido.
E só aí sabe amar.

Talvez te indique manhas,
Dos olhos tire poeira,
Ajuda a tirar aranhas
Da velha Quinta-Cadeira.

Toma cautela Doutor
Com teus tristes desalinhos;
Colhe com geito tua «flôr»
Não te piques nos «espinhos».

Conselhos bastos já te dei
Nada mais tenho a dizer
Mas julgo também que sei
O que por fim tens a fazer:

Tiraram-te do ciclismo
(Talvez, ela com brandura...)
Agora só tens campismo
E vá lá... apicultura.

Gimnástica ao levantar,
Poucos livros deves ler,
Come muito ao jantar
E verás que vais crescer.

CRUZ RODRIGUES

S. MIGUEL
BALTAR

Astério de Sousa Raposo Vasconcelos

Depois de muito matutar
Para umas linhas rimar
A teu respeito amigo
Pensei coisas que nem digo
E que te fariam corar.

Vi aos livros o teu amor
Tôdo o teu grande ardôr
Pela ingrata Minerva
Que te meteu em conserva
E não atende teu valor.

E tu sempre a trabalhar
Sem aos estudos falhar
No «Miami» ou «Olimpia»
Mas ela, a deusa ímpia
Sem querer deixar-te formar.

Seria pois bem natural
Que do lindo sexo fatal
Andasses desiludido
Mas o doido do cupido
Prendeu teu coração leal.

Se é muito linda, bela
Se namoras da janela
Não sei, nem quero saber
Pois basta-me só conhecer
Que vives doido por ela.

E tu a estudares querer...
Mas o amôr sem perceber
Clama por sítio ameno
Lá para o Campo Pequeno
Onde anseia por viver.

O mais que tu tens vivido
Isso não quero sabido;
Só te direi como lição
Que te deixes de ser «lião»
Olha o beiço caído.

Pelo que disse não brigues
E se queres não lhe ligues;
Esquece nos teus Açôres
Se por acaso lá fores
Os versos do

CRUZ RODRIGUES

FINAN
ÇAS
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
WALWON
INSTITUTO
BALTAZAR

Aurélio Guilherme Serra Ferreira

Eu conheci-o! Estatura mediana, um tanto esguio
Uma alma nobre num coração de pomba. Uma jóia!
Calmo, um pouco reservado, só perde o sangue-frio
Quando perde o Benfica, e então... meu Deus! Arde Troia.

Estou a vê-lo gaiato e ainda de calção
Arengando às turbas, com entusiasmo ardente:
O Benfica é o melhor, o verdadeiro campeão
Dêste mundo e do outro! Ficai sabendo, oh gente!

E ainda quando, qual Nicolau, equipado a rigor
Boné de pala, bornais a tiracolo, as pernas à vela
Amigo Aurélio, o pé no pedal, a mão no guiador
Corria à conquista da camisola amarela.

Duro desporto, o ciclismo puxa das «canetas»;
Rifa a bicicleta, arrecada as medalhas, faz-se semfilista.
Ouviu óperas, zarzuelas, tangos argentinos e operetas
Corridinhos, rumbas e a lusa canção fadista.

Mas todo o bem na terra é breve e passageiro.
Chega o mal medonho e fero: o «realejo» parou.
Muda a antena, troca as válvulas, não houve o estrangeiro.
Oh! Deus do Céu! Que desgraça! Sentiu-se feliz, chorou.

Ei-lo agora apressado, transportando em volumes «saquitel»
A secção que chefia, as «cadeiras» do Instituto, ciência diversa
O escritório, a biblioteca, a casa de jantar, a tôrre de Babel
Do Instituto para o Ministério, de casa para o Instituto e vice-versa

É dia de acto grande. Rufam tambores. Sôam as tubas da Fama.
Trôa o canhão. Alarmam-se os Deuses no Olimpo. Por Mafoma!
O Mundo treme. Nas faces dos lentes assoma o rictus do pavor.
Um esperto financeiro, moço sabedor, perdida a calma, exclama:
Levei os Mestres à parede! Vêde! Diz aqui o diploma!
... Tenham paciência! Sou DORTOR!

LAMPEÃO

CASA DO ALENTEJO
ECONOMIA
SOCIOLOGIA
BALTAZAR

Carlos Alberto Lamy Paneiro

Nós somos ao todo três
Não há quem nos desconheça
Pois não há uma só vez
Qu' um sem os dois apareça.

Êste é o Carlos Paneiro
Aspirando a ser doutor
Tem fama no curso inteiro
De «afamado escritor».

Bebe direito às colheres,
Passa os dias a estudar
Pende um pouco p'rás mulheres
P'ra solteiro não ficar.

Sabe Economia a «potes»
Faz «contas» sem nunca errar
Rapaz com tão grandes «dotes»...
É difícil encontrar...

Se mais quizerem saber
De nosso amigo Paneiro
Baixo podemos dizer
«Que é magro, alegre e solteiro...»

«OS OUTROS DOIS»

QUE MERDA CUSTODINHO!
olé!
4 VEZES!...
SOBRAL
DIPLOMACIA
PORTO
MONÇÃO

Custódio José Cardoso Fernandes

Se lerdes com atenção,
Esta minha versalhada
Tereis achado então,
A figura aqui pintada

Tem um «récord» sem par
Na arte de cavalgar
Foi o caso de um dia
Quatro vezes se «apear»

Bom colega e bom irmão
Pequenino e bem feito
É natural de Monção,
Pr'ó amor com certo geito

Cêdo erguer logo estudar
É coisa que não o mata
Quere na vida triunfar
E ser um bom diplomata!

De Monção até ao Pôrto
Foi coisa de um instante
Sem ser triste e absôrto
É alegre êste estudante

Foi uma fera nas Finanças
E discute Economia
Sabe da arte das danças
E amou certa Maria

Monção... Pôrto... Capital
Foi coisa de nos pasmar
Gosta de dar ao pedal
E até sabe remar

Por isso caras meninas
Não tirem dêle o pensar!
Vejam pois por estas rimas,
A quem podem conquistar

Damas que tendes amôr
Tomai conta no que digo:
«— Quem levar êste Doutor,
Não corre grande perigo».

1948 JOSÉ SUTIL TEIXEIRA (Sir-Obi)

SANTAREM

Damiana Gorriz Sotta

Eis aqui a Damiana
Que todos conhecem bem
Nossa simpática «hermana»
Vinda lá de Santarém.

Tem sapatos colossais
Que só a Moda perdôa
Mas mesmo assim são de mais
P'ra tão pequena pessoa

Não será uma grand' «ursa»
Mas isso nenhum mal faz
Pois nas cadeiras que cursa
Aprovação sempre traz.

É pequena e engraçada
Sempre pronta a conversar
Qu'rida da rapaziada
Com quem está sempre a brincar.

No entanto possui ela
Uma estranha opinião.
É bem certo!... não há bela
Que não tenha o seu «senão».

No seu belo entender
Todo o homem é aldrabão
A nenhum pode querer
Ou dar o seu coração.

Com êste grave defeito
De certo vem a ficar
Uma matrona sem geito
Própria só para embirrar.

Deixe-se disso menina
Não seja tão exigente!
Entre a hoste masculina,
Verdadeira, há muita gente!

De Santarém ela veio
P'ra Santarém ela irá,
Em Lisboa, «yo lo creo».
Amizades deixará.

No momento do adeus
Os que se vão separar,
Seus votos juntam aos meus
P'ra graças lhe desejar.

JOSÉ DE SA E SILVA

I.S.C.E.F.
FACULDADE DE LETRAS
FREUD
ECONOMIA
DIREITO
LITERATURA
BALTAZAR

Fernando de Carvalho Costa

Nós somos ao todo três
Não há quem nos desconheça
Pois não há uma só vez
Qu'um sem os dois apareça.

Cabe a vez agora ao Costa
Fininho, alegre, elegante,
Que dos livros todos gosta
Tem um bigode flamante.

Êste Costa aqui presente
Sem igual, sem paralelo,
Podia chamar-lhe a gente
Outro «Costa do Castelo»

Pois ao qu'rer efectuar
O corte do seu cabelo
Não se cança a palmilhar
'té à Costa do Castelo.

Nunca perde as horas d'ócios
Em fantasias e tretas
Passo-as tôdas em negócios
E Faculdade de Letras...

P'ros desportos não tem par
Jogo a sueca e a bisca
Vai aprender a nadar
E a correr como o Faísca...

E quando passa a correr
Aos saltos e aos pulinhos
Todos param para vêr
Os seus belos «colarinhos» !!!

Desculpa óh Costa «peralta»
Se te fizemos corar
Mas é uso cá da «malta»
Um pouco sempre gosar...

«OS OUTROS DOIS)

16

Francisco João da Costa Farelo

Simples, sem pretensões, envergonhado,
talento a jorros, honesto, algo sisudo,
nervoso e impulsivo, talhe miúdo,
de hábitos sãos, nariz arrebitado,

Estudando com afã e sem enfado
na ânsia de saber e aprender tudo
— eis Farelo, leitora. E não te iludo:
tens aqui um economista e um bom soldado.

Economista, a zelar tua finança...
Soldado, por ti pronto a combater...
... Que mais queres?! Hesitas? Anda... avança...

«— E aquêle coração, ali, a arder?»
É verdade! Estou a dar-te falsa esperança...
Deixa lá..., tens o poeta p'ra esquecer...

O. J.

ORTIZ

Francisco de Medeiros Brandão Palha

I

Abrem-se as ondas do Tejo,
Ei-lo que vai a passar!
É o Chico Brandão Palha
Vem p'ra Lisboa estudar!

II

Corre o tempo!!... Deus nos Valha!
Depressa!... Mas sem clamor!
Abre um ôlho o Chico Palha
Fecha o outro... e é Doutor!

III

Finanças, Economias
Equações, Rectas no espaço
Cairam em agonias
Sem lhe causar embaraço.

IV

Fica atrás a Conceição,
A Espanhola, a Deolinda
No Ginásio!... o coração,
Do Faz-Frio saudade infinda

V

O melhor de cinco mil
Exige p'ra se casar
E vêem-no p'r'um funil
Se os não vier a ganhar.

VI

Estás a vida a começar
E o pior agora vem
Que Deus venha iluminar
O teu caminho! Amen!

MANUEL SARGAÇO JÚNIOR

Doutor! Na sciencia sou profundo
E pelos pireles apoiado.
Nem que dê a volta ao mundo
So por uma sou amado
Direito Commercial
Direito Criminal

Francisco de Morais Caldas

O Caldas, Doutor,
Aqui nem parece
Aquele Senhor
Que a gente conhece!
E eu, francamente,
Nem sei que dizer
Para o descrever
Como êle merece!

Aqui está dif'rente!
Se n'ele atentais
Vêdes, certamente,
Os ares doutorais
Que agora tomou!
Mas Caldas amigo
É o Caldas antigo
Que vale 'inda mais.

Alegre, sadio,
De ar sempre risonho
Êle é um desafio
Ao que há de tristonho
Na vida presente.
Êle, enfim, traduz
A imagem de luz
Da vida de sonho!

É ouvi-lo falar...
Sentir riviver,
Conquistas sem par
Que soube vencer!
Que doidos amores!!!. .
A inveja maldita
Até se acredita
Que não podem ser!!!...

Ó Caldas que vais
Agora partir
Não queiras ter mais
Mulheres a carpir.
Não sejas «rapina»
Nas terras de Chaves
Deixa as lindas «aves»
Amar e sorrir!

SÁ FIGUEIREDO

ORTIZ

Gastão Fernando F. das Neves Carneiro

Quem me dera ser Vicente,
Camões, Bocage, Augusto Gil!
Pois o «poeta» Zé O'Neill
Faria uma obra decente...

Das musas — amigo Gastão —
Eu ando muito arredado,
Por isso estou enrascado
P'ra cumprir a obrigação.

Pedes-me que te faça a «rima»,
Ai de mim! — não tenho geito.
Mas vou levar o caso a peito
e tentar fazer «obra prima»...

Mas qu'Hei-de eu dizer de ti
Que não me sirva a carapuça...
Arreganhas a dentuça
Se te censuro o »tás ti»...

Chamam-te economista pintor
Discípulo do Mestre Bordalo...
«Caluniar» é um regalo
De quem te inveja o valor.

Pintor? — Calúnia, caro amigo!
Mas aqui p'ra nós que ninguem ouve:
Como diabo é que te coube
Dezasseis em Corporativo?...

Orador de predicado
De tudo sabes falar,
Jamais te vi hesitar
Perante um tema intrincado.

Durante a nossa «legislatura»
Sempre amigos como rocha,
Vimo-nos por vezes «à brocha»
Mas sem fazermos má figura.

Enquanto todos estudavam
Passavamos o tempo a gosar,
Mas no fim é que era dar
Quando os outros descansavam...

De ti conservo — sandeu! —
Um pequenino despeito:
O de não ter tido geito
De fazer-te pensar como eu...

A harmonia... era um gôso,
Perfeita a nossa amizade,
Uma Santíssima Trindade:
Tu e eu e o Zé Cardoso.

E pronto, meu caro Gastão
Por êstes versos nada deves
Porém peço-te que conserves
Do Zé O'Neill recordação.

E se algum dia trepares
Na vida, como és capaz,
Lembra-te cá do rapaz,
Se não me forem bons os ares...

Pois o mesmo eu te farei
Como ficou combinado,
E quando o dia fôr chegado,
Serás »ministro» e eu »o rei»...

Se achares pouca a posição
Que eu para ti acalento,
Muda de designação
P'ra animal mais corpulento...

JOSÉ O'NEILL DE GOUVEIA (O Poeta Sevilha II)

E. LAZAR

Helder Augusto Vieira

AUTO-RETRATO
(palimpsesto encontrado no ano 2043
nas catacumbas da rua Augusto Gil)

Nasci Magriço, e Magriço hei-de morrer
Magriço da cabeça até aos pés
Magriço que só sabe o que é viver
Andando tudo a pé de lés a lés.

Razão a ninguém dou, seja quem fôr
E não por capricho ou teimosia
Mas p'ra defender com todo o ardor
Crenças que ninguém já defendia.

Sou no fundo um romântico e um bom
Um cavaleiro de Távola Redonda
Um cavalheiro a quem não falta tom
P'ra vir a ser — quem sabe! -- alguém de «arromba»

Mas... menti: a alguém eu dou razão
— E não por capricho ou teimosia!...
Mas como poderia eu dizer não
Se sou Magriço e êsse Alguém... Maria?

Magriço porém eu não sou únicamente
Mas d'Artagnam famoso também e sem rival,
Lâmina fulgente brandindo impenitente
Num tão grande desprêso por tudo que é mortal
Que se a todos não corro à espadeirada ingente...
É p'ra vazio não deixar o solo em Portugal.

AÇORES

Jó Vieira da Silva Cardoso

I

Já viram nome estranho?
Nem é Job, nem José.
Ao primeiro falta o *B*
Ao segundo o *S* e *E*

II

Dos Açôres à capital
Não foi coisa de tardar
Vésperas de exame é fatal:
— Não se deita pr'a estudar.

III

Nos Açôres, em Lisboa
Tem amigos às centenas
Oiçam: que não é lôa:
— É o terror das pequenas

IV

¿ — Ó Jó, onde é a ida,
Depressa com essa guita?
Cala-te! vou à vida —
É simpática e bonita.

V

Foi um portento em amôres
É a pura das verdades;
Porque há Alguém nos Açôres,
Que suspira com saudades.

VI

O seu coração doirado
Já está dado a Alguém
Só desejo de bom grado:
— Muitos filhos; passem bem!

VII

Nos estudos êle marcou
Mas... sem nunca se matar
Os anos sempre passou
Sem conjugar o «chumbar»

VIII

Os ares a escurecer;
Será chuva ou eclipse?
É o Jó que vem arder
É tabaco? — Não: «CALIPSE»

IX

Já o viram «to smoke»
É uma coisa de pasmar
É tal qual um reboque
Que está prestes a largar

X

E agora p'ra terminar,
Acabo com a brincadeira.
Sei que hás-de triunfar.
Um abraço do

TEIXEIRA
(Sir-Obi)

SEGUROS
CALCULO

João Carlos de Roma Machado C. Salgado

É vivo na discussão
E adora a confusão
Das ideias em chorrilho.
Ao pôr um ponto de vista
Não ha razão que resista
Ao seu ardôr e seu brilho.

Seria de certo um «Urso»
Se não estivesse em decurso
Esta guerra tão cruel!!!
Mas entre dois teoremas
Discute sempre os dilemas
De Mac Arthur e Rommel.

Não ha nada que o amestre
A fitar no exame o mestre
Sem se rir às gargalhadas;
E vive sempre na andança
Da tempestade à bonança
Do «sem trunfo» às «4 espadas.»

FINANCAS

João Raimundo

Em Alcobaça nasceu,
e com frutas se criou...
Certo dia resolveu
sair da terra e... abalou

Veio ver a Capital
Com todos os seus encantos...
Não se deu nem bem nem mal,
mas cá ficou como tantos.

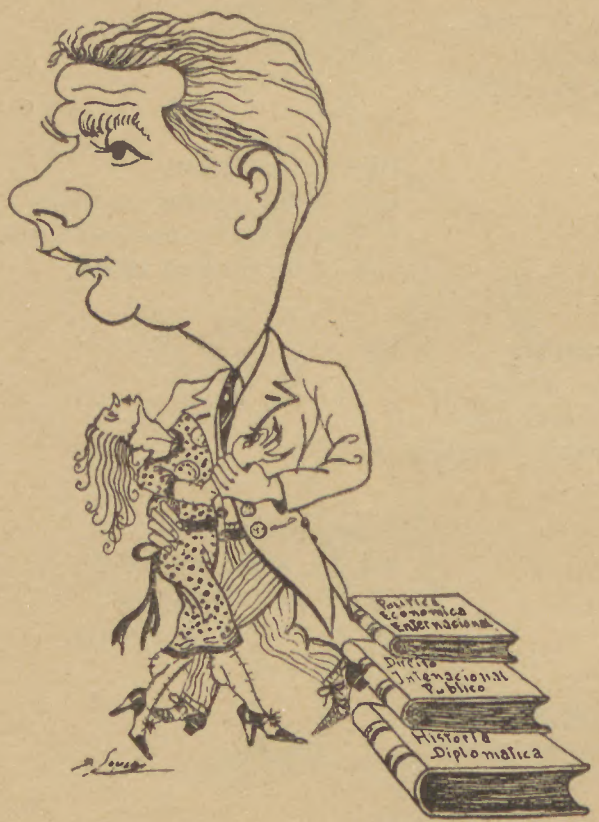
Em certa repartição
Os seus dias, se não falho,
Passava o nosso João
sempre agarrado ao trabalho

Desconhecido vivia
o João, vulgo Raimundo...
Quási que não existia
na imensidade do Mundo.

Mas certo dia pensou
em dedicar-se ao estudo...
Tanto valor demonstrou
que hoje é licenciado e tudo.

Não mais lhe chamam João
Nem Raimundo, é de supor...
Na própria Repartição
já dizem: «Senhor Doutor»...

ALBERTO MESQUITA


Política
Económica
Internacional
Direito
Internacional
Público
História
Diplomática

Joaquim de Amorim Ferreira Cadinha

Não tem nada de tôlo, êste Cadinha.
E é simpático, o raio do rapaz!
Quem não lhe ouvir a angélica vózinha,
Não imagina o que se esconde atraz.

Dêsse ar de quem por nada se abespinha,
Sobrecênho feroz de Ferrabraz!
— Como candida pomba, ali se aninha
Um meigo coração, grande e capaz

De a coisas grandes o levar, p'ra já,
E ás triunfais certezas d'Amanhã!
— *Atirem-se*, meninas! — porque, em suma,

É um coração imenso, quilométrico,
Que faz lembrar o estribo dum *eléctrico:*
— Há sempre um lugarsinho p'ra mais uma!

ALBERTO BARBOSA (Boka)

CONTABILIDADE
ORTIZ

José Antunes da Silva

Quem não conhece esta «flor»
De terras muito distantes?
Quem não conhece êste «amor»
Que tem olhos fascinanies?...
Reparem: sabe nadar,
É um mestre a cavalgar
(Um mestre como êle só...),
Sabe esgrimir co'as pequenas
(Róseas, brancas ou morenas)
E até joga o dominó!!!
Mas, no fundo, é bom rapaz
— Um rapaz como é preciso:
É bonito (!), é perspicaz
E, a rematar, tem juízo.
Um só defeito lhe encontro
E por isso eu recomendo
Que lho tire quem quizer:
Êste rapaz estupendo
Que as moçoilas endoidecem
Adora qualquer mulher!
Para êle — é ponto assente —
Sejam altas ou catraias
São sempre, sempre «galinhas»
As «frangas» que usarem saias!
E por isso êle calcula
(Digo isto em meu supor...)
Que o mundo terminará
Todo afogado em... Amor!

E, agora, p'ra terminar
Êste pequeno poemeto,
Só me resta acrescentar
Que êle é de Lourenço Marques,
Mas é branco... não é preto!

Do teu amigo RAÚL GARCIA MARTINS

José Barata Lopes Galvão

Estoira o Zé, brada, agita-se num pavor,
E passa um «Pronto» sôbre a sala.
A aula em pêso treme. E o professor
De espanto vacila ao ouvir tal fala.

É entre êste ambiente de geral reparo
Que o Zé responde. E num prodigio de oração,
Feita de ciência, de ternura e descaro,
«Enrola» o mestre com seu ar bonachão.

Óculos negros, cabelo banco, e corpo roliço,
Passa numa vertingem — galanteador audaz,
Belo de nenúfar, em Apolo atiradiço...

Pena é que por vezes descanses o «cabaz»
E faças do bigode, junto ao coração em brasa
Leviana maré que sobe — mas que vasa!

Com um abraço
FERNANDO LEAL

QUELUZ ...
ORTIZ

José Fernando Tiago Pampulim

Jovem, alto e espadaúdo
Onde a piada não tem montante
S'ergue êste amigo que saúdo
Envolto em capa d'estudante.

Tem no estudo um entretinimento
Instruir-se a fundo... eis o que o seduz
Ao apoderar-se contudo o aborrecimento
Gasta o tempo indo até Queluz
Onde de lá vem sem sofrimento...

Para o doutor fazer aborrecer
A ponto da sua vida ficar prostrada.
Mais não é necessário dizer:
Parece-me que exala o Cruz-Quebrada
Último suspiro para morrer...
Levantar é preciso depois uma charada
Ir depois dizer à gente todos
Maravilhas do teatro e Vale de Lobos

CARLOS ALBERTO MENDES PINTO MOREIRA

BALDZAR

José Joaquim Januário

O grande Zê Januario
cumpriu bem o seu fadário,
é o rei da Matemática.
Venceu tôdas as cadeiras,
só nas questões financeiras
tem a carteira linfática.

É um 'studante famoso,
no seu 'spirito fogoso
vibra o genio em centelhas.
Que pensará tal valor
quando vai tão sonhador
passando á Rua do Quelhas!

Sem manias declaradas,
só as palavras cruzadas
são o seu grande consôlo...
Febre intensa nêle lavra,
á procura da palávra
vai dissolvendo o miôlo.

Tudo cruza por sistema,
sem resolver o problema
não repousa o Januario...
Nos pontos da matemática
mete química e gramática
até mete o calendário.

Se tantas palavras cruzas,
Januário não descansas...
Se dos cruzados abusas
serás fiscal das finanças.

FERNANDA SANTOS

José Júlio Santos Soares

Um dia veio de Macau
Um Zézé lento e anafado,
Mas a vida de Lisboa
Tornou-o civilizado.

Agora na Academia,
Modesto e gesto lento
Não falta um único dia
Ás lições cá do convento.

Entre os rapazes escolares
Que fazem vida brégeira
Ninguém descobre o Soares
Na mais leve brincadeira.

Livros e sebentas mais de mil,
Não sei p'ra quê — francamente —
Vais comprá-las e não as lês,
Preferes as falas do lente.

E se as tuas sebentas falassem
Muito haviam de contar;
Pregunta à troupe do Zé
Ond'elas já foram dar.

Ambições — se as tem —
P'ra quando o curso acabar
Não o disse inda a ninguém,
Mas tem muito a administrar.

E antes do verso acabar
Sem rima e de métrica rasa,
Ao Soares eu vou preguntar
Porque passa a vida em casa?

NUNES BARATA

DIREITOS
GEOGRAFIAS
QUÍMICAS
ARAGÃO PINTO 1923

José Manuel de Magalhães Pessoa e Fragoso

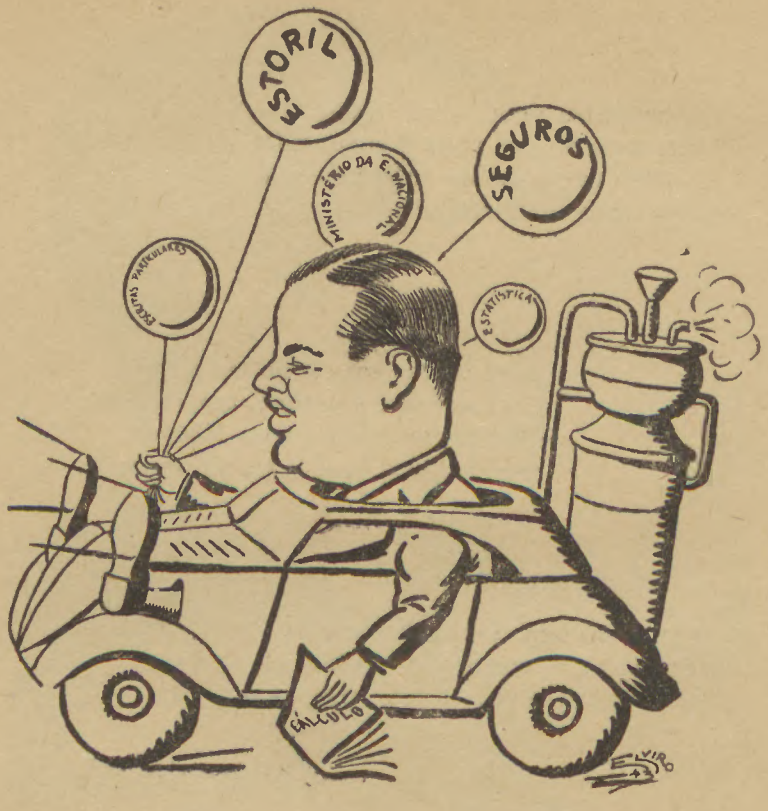
Porque pedes amigo — que loucura! —
Tanto mais do que pode esta amizade?
... Com que gôsto eu faria, na verdade,
elogio dessa tua formatura?!

Entre outros um contra me tortura:
Conhecer que o destino, por maldade,
dêste tempo te dará tanta saüdade
que, de igual, viverás em vã procura.

Se mantens teus desejos indiscretos
e pretendes os versos reclamados,
duas quadras te dou, e dois tercetos

... — Versos toscos e mal alinhavados! — ...
Não os vejas, por Deus, entre os sonetos!
Leva-os sim como abraços dedicados!

HERMANO SOBRAL


ESTORIL
MINISTÉRIO DA E. NACIONAL
SEGUROS
ESTATÍSTICA
CÁLCULO

José Manuel d'Orey

Andas sempre atarefado
E quanta vez és forçado
A não dormir nem comer
És homem de sete ofícios
Mas no maior dos bulícios
Ninguem te vê a correr

Os companheiros de classe
Chamavam-te o Weierstrasse
Por seres forte em Matemática
Mas a tua característica
Está no jeito pr'à Estatística
E na bossa pr'à didáctica

És um doido pela bola
Com a Ópera perdes a tola
E co'as «pequenas» também
Contas muitas anedoctas
E como és um «mãos-rotas»
Nunca juntas um vintem.

Se estás em vesperas de exame
P'ra não sofreres um vexame
Perdes a noite do estilo
E afinal desconsolado
Constatas mal humorado
Que engordaste mais um quilo.

José Manuel Pimentel Scarlett

Errou a vocação
Êste rapaz conquistador.
Não quere saber da lição,
Mas é lente no amor.

É rapaz de muita graça,
E tem amigos ás dezenas,
Adora a pesca e a caça
As ruivas, loiras e morenas.

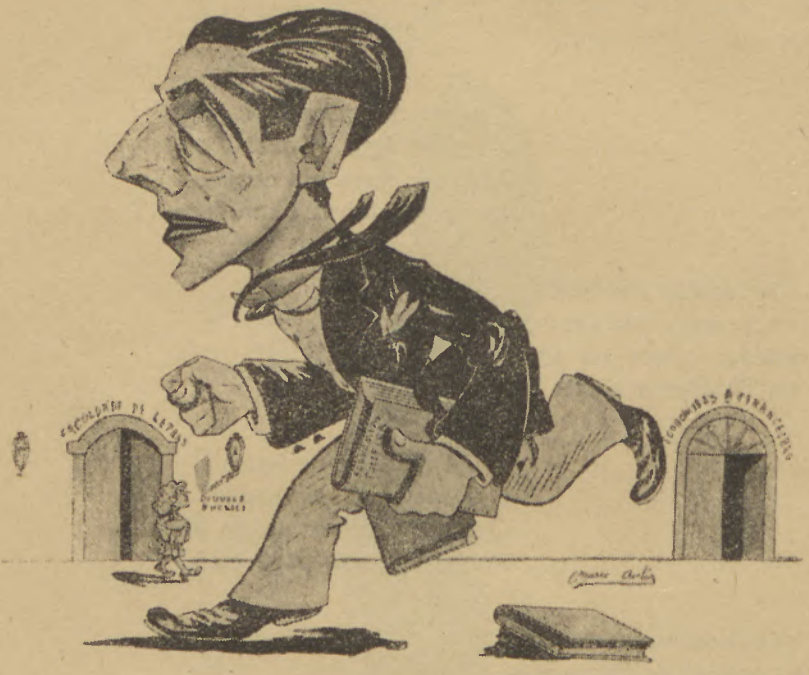
Anda sempre atarefado
Sem ter nada que fazer,
¿Quem o quere ver apressado
Para Bemfica a correr?

O Zé Manel é de festas
E de pêndegas colossais;
Quem quizer ver coisas destas
Venha ver, não paga mais.

Todo mesuras no tratar
Os mestres da Economia...
Os outros, se o fazem zangar,
Deus me livre a tropelia

Mas o Manel vai a doutor
Que êle tem uma grande lata,
E êste rapaz sonhador
Espera um dia ser diplomata.

MANUEL NUNES BARATA



José Maria Cardoso Ferreira

Zé Cardoso te chamaram
Na baptismal sacristia;
E logo os padrinhos gritaram:
Que sizudo é o Zé Maria.

Na escola, menino aplicado,
No liceu, bom aluno,
Sempre rapaz socegado
Mas um tanto taciturno.

Com lhaneza e distinção
Conseguiu esta coisa engraçada:
Nunca entrou em discussão,
Nem nunca jogou à pancada!!

Estudou com decisão,
Mas sem chegar a «urso»
Porfiou té ter na mão
O diploma do curso.

Apesar de ter bom senso,
Um senão lh' aponto aqui:
Tirou um curso a que é avesso
Só porque lhe deu para ali...

Economista... não creio,
Que tenhas tal vocação.
Eu p'ra ti, compadre, anseio,
Coisa de melhor remuneração.

Na Faculdade de Ciências
Nao quizeste estudar,
Mas a julgar p'las aparências,
Darias um bom militar.

Depois começaste com trêtas
Já quàsi na meta final.
Frequentar Belas Letras
Foi p'ra ti habitual...

Que ias tu lá fazer
Áquela velha faculdade?
Irias acaso aprender
Francês? Grêgo? Latinidade?

Ou é verdade o que diz
O patife do Gastão?
Que andas todo feliz
A preparar um'união?

Descanse, porém, quem ler isto,
Que não há derriço no casso...
É comercio, pelo visto
Como «letra a longo praso»...

Não deve temer quem não deve,
Posso por isso exclamar:
Senhor Carneirinho de Neve
Deixe-se de caluniar...

Porque com grave convicção
Qual magistrado curul,
Prepara apenas a fusão
Da «Atlas» com a «Estrêla do Sul»...

Como se vê não é mais,
— Que há-de o rapaz fazer? —
Se a fuzão dos dois capitais
Não é coisa de perder!...

JOSÈ O'NEILL DE GOUVEIA
Poeta métrico 100 %

José O'Neill Gouveia

Cantar-te em verso é bem uma trajédia
Para mim, que de poeta nada tenho,
Mas vou tentar mostrar só em comédia
O que fôste nos tempos de antanho...

Na química passaste
Porque te não precipitaste...

Em Finanças venceste
Porque nunca as percebeste...

Em Estatística fôste um ás
Porque vinhas cá p'ra traz...

Passaste em Contabilidade
Ah!... com quanta habilidade!...

Das velhas Economias
Disso é que tu percebias...

Em Geografia «nota bôa»
porque a estudaste no «Lisboa»...

Nos Direitos venceste
Porque nunca apareceste...

Nas discussões sôbre «Raça»
Mestre Guedes deu-te a taça...

No velho Café Martinho
Davas as lições ao povinho...

Passaste noites a estudar
A maneira de passar...

Levaste vida regrada
Dormindo de madrugada...

Tiveste presenças às mil...
No casino do Estoril...

Aqui está o que êle foi
E julgo não exagerar
Não digo tudo, bem sei,
Mas o Album é p'ra mostrar...

Não te zangues meu amigo
De eu ter mostrado o que sei.
Consola-te, por onde andaste
Eu sempre te acompanhei...

GASTÃO DAS NEVES CARNEIRO

BENFICA

José de Sá e Silva

Nêste Instituto, (é claro não desfazendo),
Há uma jóia de raro quilate e prêço.
Um colega melhor eu não conheço;
É tal e qual assim como o estais vendo.

É tão bom que eu não sei, nem compreendo,
Como até um par d'asas não lhe ofr'eço,
E as Côrtes do Senhor não engrandeço,
Enviando para lá êste portento...

E outras qualidades lhe sobejam:
Em «Operações» perito-maquinista,
Com o Godinho, bom contabilista.

Todos o estimam, todos lhe desejam
Que colha os louros que a boa sorte dá.
Um grande camarada, êste Zé Sá!

LUIZ P. CARDOSO TÔRRES

José Simões Leitão

A luta era adversa, mas êle tudo venceu.
— Aqui e além o mundo também é meu;
«Sei o que valho e aquilo que quero,
«Por maior sacrifício ou trabalho severo».

Assim falou Leitão,
o herói que vou cantar.
Aqui, onde o vêem, é o seu «traço» perfeito.
Está bem desenhado — julgo, sem defeito.
Da sua vida vou agora tratar:
Venceu-a, e venceu bem!...
Fêz tudo por amor
aos 3 filhos que tem.
Sim, minhas senhoras, o doutor Leitão
É pai, e além de pai, é casado
e mais... amado!
Tenham paciência — fugiu o pássaro
por Vós sonhado.
Mas... A musa está em férias;
a canícula aperta.
— Quem muito fala pouco acerta —
Lá diz o ditado.
Se o verso está errado
A culpa não me cabe.
. . . . . .
Adeus Leitão amigo
Hoje estou com pressa, antes, estou à «brocha»
Aceita cumprimentos e abraça-te o

VADOCHA

BALUZAR

José Sutil Teixeira

I

Pediste: «Faz tu os versos»
Acedí, não por favor
Fá-los-ei, maus mas sinceros
Porque disso és mer'cedor

II

Qualidades? São aos montes
Defeitos? Quem os não tem
Segrêdos? Não os direi
Embora os conheça bem

III

Poderias ser espanhol
És português afinal
Nasceste mesmo na raia
A cair p'ra Portugal

IV

Plantar nabos, batatas,
Em couves ser engenheiro
Era teu sonho encantado
E saiste financeiro...

V

Ironias do Destino
A que tu és superior
E tiraste assim o curso
Mostrando bem teu valor

VI

Não julguem que se matou
Ou que no estudo houve abuso
Nunca faltava a ouvir
A Amália no Café Luso

VII

Gostava d'ir ao Terrasse
E p'ra Santa Catarina
Ia talvez fazer versos
Para mostrar à menina

VIII

Mas perdão, que grande falta!
Esquecia já de o dizer
O coração do meu Zeca
Já não tem quartos p'ra ver...

IX

Nem ouro, nem platina
Nem zinco, nem mesmo lata
O Amor escolheu p'ra céu
O céu da rua da Prata

X

Nem é alto, nem é baixo
(É só no andar segundo)
Mas mesmo que 5.º fôsse)
O Amôr é tão profundo....

XI

No desporto é quási rei
Seja êle qual fôr
No Basket e Foot-Ball
Chega mesmo a ser Doutor

XII

Ping-Pong, Volley-Ball
Hand-Ball ou que o valha
Berlinde, Barra Bandeira
Ou mesmo o jôgo da malha

XIII

Que saudades deixarás
Nas gentes do Instituto
Não mais se encontrará
Para ti substituto

XIV

Decerto resolverás
Casar depressa, eu bem sei
Mas a culpa não é minha
Foi conselho que eu não dei

XV

Quem então fôr visitar
O teu lar bem gracioso,
Dirá depois ao sair:
«Sim senhor, Vi...lar Formoso.

CUNHA ROSA

DIPLOMACIA
FINANÇAS
ORTIZ

Manuel Augusto da Motta Rosa

«Ainda que me ajudem a passar
O tempo, «certas coisas» que aqui há,
Custa-me andar assim ao Deus dará
Sem o terno conchêgo do meu lar.»

E, desta fala amarga transparece
Sentida confissão do nosso homem,
Que àlém de outras torturas que o consomem,
Tem uma mágoa atrós que o entristece:

A aldeia que êle envolve em estreito abraço,
Sem o seu firme apoio teme o porvir;
Mas quê? Nunca. Paialvo a progredir
E o Pôrto da Lage a marcar passo?...

Não esmorece; ao alto o coração,
Que a vida vai andando sem parar
E o Doutor quer' subir, quer' inspirar
Quem sabe? Os grandes rumos da Nação...

Fita encarnada e branca ao vento — e parte
Co' as sebentas, caminho da da Tapada;
E é dar-lhe, p'ra acabar a empreitada
Se a isso o ajudar o engenho e a arte.

Nas horas de descanso é desportista:
Entretem-se a pescar num mar sem fim;
E o que à rêde vier nunca é ruim,
Seja sopeira, estudante ou modista...

Menina meiga e rica: sem alarde
Se quizer arrendar coração vago
Avise, pois tem parte do mês pago,
E um dia a mais, às vezes já é tarde...

Diz-se que não há rosas sem ter espinhos;
Não creio — e se a cachopa mais medrosa
A prova quizer ter, verá que o Rosa
P'ra ela tem afagos e carinhos...

Com um abraço do MORGADO VALÉRIO

JUVENTUDE
PARA
O IMPERIO

Manuel Henriques Nunes Barata

Que hei de dizer do Manel
Se êle é estudante modêlo?
Que desempenhará bom papel
De lente de borla e capêlo...

Dizer que é navegador
Por ter sulcado oceanos?
Que é arrojado explorador
Lá dos sertões africanos?

E que um dia foi em passeio
A terras de clima tropical,
E de lá entusiasmado êle veio
Falando da ideia Imperial.

Que ama a solidão e a terra
E a vida do campo socegada,
Que gosta de acampar na serra,
Discursando desta vida á rapaziada.

Ora tudo isto se sabe
Pois é conhecido do mundo,
Valha portanto a verdade
Não fiz um artigo de fundo.

E para a tarefa acabar
Porque já não sei o que digo
Ao Barata eu vou dar
Um conselho de amigo:

Deixa êsse teu ar distraido
De sonâmbulo acordado,
Umas vezes retraido
Outras quêdo e calado.

Faze-te mais realista
Leva a vida mais a sério,
Deixa de ser utopista
Acaba lá com o mistério...

Porque lá, que de Cabinda
Sejas um soba afamado,
Lembra-te que o Congo ainda
Está verde pr'a ser anexado.

E meus senhores aqui ponho
O segrêdo de Sua Excelência:
Êle pensa executar o sonho
Traçado pela sua ascendência.

J, O'NEILL GOUVEIA

ESPECULAÇÃO COMERCIAL.
ORTIZ

Manuel Paquim

I

É da ridente Albergaria, a terra
Aonde, denodados e aguerridos,
Se albergaram os «Doze de Inglaterra»,
Segundo conta a lenda, em tempos idos.

II

E, agora, findo o curso, o burgo inteiro
Espera êste doutor que o Ortiz retrata
Aparando a resina dum pinheiro
Dentro do seu chapéu de diplomata.

III

Nos exames do curso que tem feito
Tôda a malta se espanta, como passa
Êste rapaz que tem enorme geito
Para fazer os Pais largar a «massa»...

IV

Não sei p'ra que traz sempre na algibeira
Cadernos, «Ciência-Química» ensacada...
Só servem para armar a ratoeira
Para caçar «dóninhas» na Tapada!?...

V

Bailarino genial, dança a primor
O swing, a valsa, a conga, o fox, o slow...
Apaixonado pelo bailador
Deus sabe quanta moça já ficou...

VI

Tem «indústria», «lata» e, só assim,
Se explica, como sofrem de paixão
As loiras e morenas que, ao Paquim,
Pretendem conquistar o coração...

VII

Êste doutor que leva a mente cheia,
De projectos e sonhos colossais...
E, sobretudo, aquela fixa ideia
De extrair da resina coisas tais...

VIII

Que serão, de dinheiro, grande mina
E até, depois, basta que a «futura» diga
Se, de algum derivado de resina,
Preferirá rapaz ou rapariga...

XI

Meninas casadoiras, eu vos digo,
Que deixo para o fim duas verdades...
Exagerei defeitos dum amigo
Para omitir as boas qualidades.

E. M.

NÃO ME RALO
ESTÁ NO SEGURO
APOLICE
APOLICES

Manuel dos Santos Ferreira

Cautela, muita cautela
Êste doutor é maduro!...
Colegas, muita ateução,
Devem pôr-se no seguro!...

Quando chega, que desastre,
É peor que um vendaval,
Não há um só que não sofra,
P'ra seu prazer, qualquer mal.

Puxa a pasta a um colega,
Caem os livros no chão,
Anda tudo em alvorôço,
Só o Ferreira é que não.

Em constante rodopio,
Não pára, não tem socêgo;
Às aulas não quere faltar
Nem quere perder o emprêgo.

Por vezes na vida alegre
O invade uma tristeza,
Tem momentos de revolta
Contra a injusta natureza:

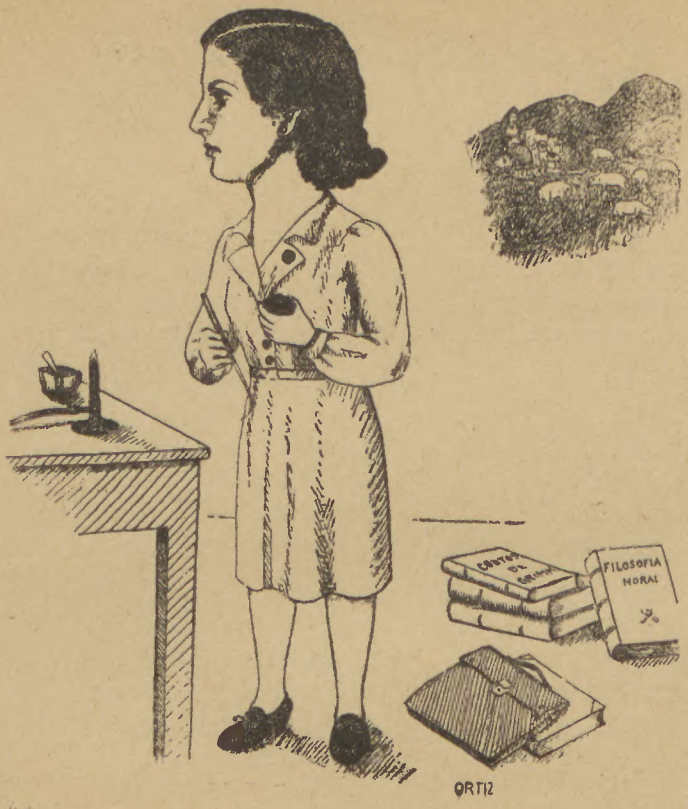
Porque será, afinal,
Que a uns a sorte consola,
E a êle, pobre, coitado,
Só pôs dois pêlos na tola?!

Ferreira não estejas triste,
Socêgo, não soltes ais,
Pois é dos carecas que'elas
Não sei porquê... gostam mais.

Ó meninas casadoiras,
Eis aqui livre um lugar,
Embora seja daquêles
Dificeis de ir ao altar.

Já amou, saiu-se mal,
Contou-me muito em segrêdo!...
Portanto a gato escaldado
Água fria mete medo.

LUIZA PRÓSPERO DOS SANTOS


FILOSOFIA
MORAL
ORTIZ

Maria da Conceição B. Fernandes Reis

Lá da Estrêla natural,
Pode, da lareira ao canto,
Do galo ouvir o canto
Em Espanha e Portugal.

Do seu Formoso Vilar
Bebeu os sãos sentimentos,
De Lisboa encantamentos,
Conjunto bem singular.

Filha da Beira é serrana,
Dá-lhe a serra um ar de altiva...
Mas seu convívio cativa
E no seu trato é mui lhana.

Na lide escolar absorta
Passa, não dá por ninguém.
Distraída em seu vai-vem
O que encontra que lhe importa?

Das químicas enchia a mente,
Sonhava com as matemáticas.
Corre para as aulas práticas,
Talvez logo fale à gente...

Fala, se tempo tiver,
Que obrigações tempo gastam,
Devoções tempo se arrastam,
E tempo exige a mulher.

Mas à nossa Conceição
Para tudo o tempo chega,
Té à J. U. C. presta achega,
Com sua colaboração.

Studiosa, trabalhadora,
Avança sem Cirenéus.
Mercê só de esforços seus
É hoje quási doutora.

Sê-lo-há mui brevemente
E, contente, vai partir
Á conquista do porvir
A sorrir, saüdosa, à gente.

QUE MAGOADA, TER QUE DEIXAR A CARROCHA, PARA VOLTAR AO CAVALO!...
GASOLINA NEM PENSAR
JH

Maria do Carmo Gouvêa Portella

Entrou nos belos tempos do «pó-pó»
E «vinha de carrinho para cá».
Trocou quatro cavalos por um só:
Gasolina nem pinga! — já não há!...

Estudou a composição de H_2O
E sabe que a + b é b + a;
Saiu sem ter chumbado uma vez só,
Ou tido alguma nota baixa ou má!

É Carmo, sem ser Carmen de Triana,
Aquela de estatura mediana
Que fês o curso, assim, com alta média.

Um coração que bate compassado
Indica-lhe um destino já marcado:
Não António, nem Vargas — mas Herédia...

JOSÉ MANUEL SALEMA

QUÍMICA
MATERIAS PRIMAS
TECNOLOGIA
ECONOMIA
Fred.
SANT'ANA

Marieta Lima Machado

Como nasceu no Algarve
Onde há mouras encantadas,
Campos de neve em flor,
Praias de rochas douradas.

Tem sempre no coração
Uma certa nostalgia
E a voz tão dôce e tão rara
Que nem parece algarvia.

Adquiriu nos seus estudos
Uma profunda paixão
...Pela Química. Admiram-se?
Que é que julgavam então?

Tem sempre um ar muito ingénuo.
Nem parece desta era...
Amável com as colegas
Co'as alunas... uma fera!

M. R. M.

LOURENÇO MARQUES
LISBOA

Marta Pereira Sequeira

I

Tão simples ê dizer bem
Da nova licenciada
Que custa até explicar
Porque não me ocorre nada.

II

Em figurinha gentil,
Seus olhos falam sem querer.
Que pena tê-los cansado
Com tanta Química ler...

III

Não estão menos radiosos,
Não estão sequer muito gastos,
Mas não podem calcular
O que é o Doutor Bastos!!!

IV

Não há tempo p'ra «tricots»
P'ra toalhas ou lençois,
Só há p'ra precipitados,
Bases, Sais e Alcoóis.

V

Creio não errar afirmando
Ter procedido ela mal
Que estudasse... enfim... está bem.
Mas... então e o enxoval?!

VI

Não penseis, enamorados,
Que em tão jóvem diplomada
Em vez d'alma de mulher
Só exista e de letrada.

VII

De todos tem simpatia,
Tôda ela é feminina.
Será por ser tão modesta
Ou por ser tão pequenina?

VIII

Ah! De todo me esqueceu!...
Vou contar-vos um segrêdo:
A Doutora veio de África
E fez viagem sem mêdo...

IX

Será esta uma razão
Par' o tom de pele que tem,
Pois não sendo mulatinha
Lá branca não é também

X

É desportista sincera
Gosta bem de patinar
E até o Ping Pong
É jôgo p'ra praticar.

XI

Não sei que traz o futuro,
Se lhe sorrirá ou não
Mas será preciso ouvir
Primeiro, o seu coração.

XII

Felicidades futuras,
Uma vida venturosa,
Deseja sinceramente
O colega

CUNHA ROSA

Octávio Canhão Bernardes

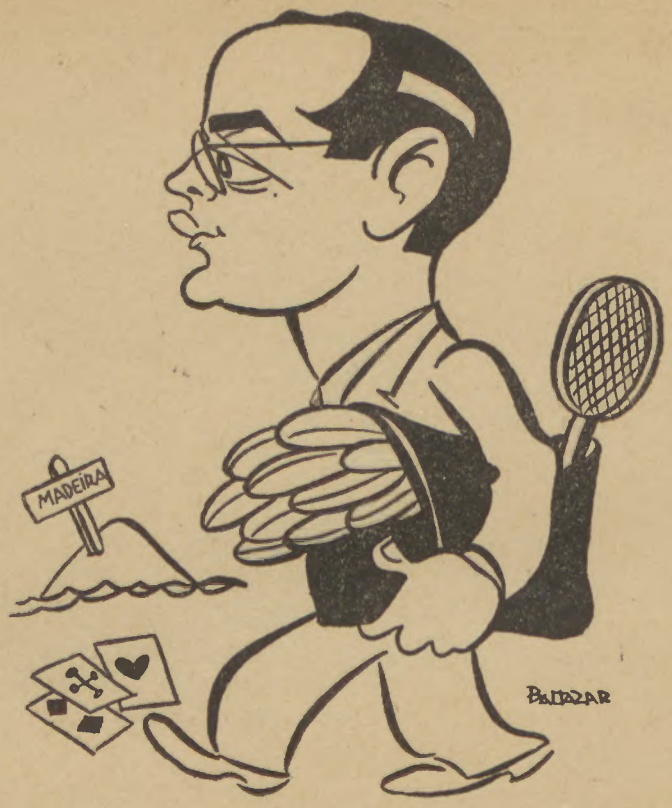
Insigne pedagogo
Estátua da Ciência
Em Ti, nós vemos logo
A própria Sapiência.

A quem os aproveite
Legarás teus «Tratados»
— Os sábios, em deleite
Quedar-se-ão, pasmados

quando souberem, entre
mil coisas de espantar,
Como o feto no ventre
Já sabe soletrar.

Discip'la de BERNARDES
— um «génio» essa criança! —
noutes, manhãs e tardes
vasto saber alcança

A nós, já nada emperra
— Quem há que desconheça?!
Que as minhocas, da terra,
Te sobem à cabeça...


MADEIRA
BALTAZAR

Odílio José Corrêa de Mello

Nós somos ao todo três
Não há quem nos desconheça,
Pois não há uma só vez
Qu' um sem os dois apareça.

Êste terceiro componente
Forte e largo como é,
Mostra de forma evidente
O «pêso» cá do tripé.

É um audaz desportista
Nos grandes jogos de enrêdos
Por isso p'ra êle a bisca
Já não constitui segrêdos

Êste é o caro Mello
Forte e muito presunçoso
Do seu par d' «éles» do Mello
Mas não é tudo... é forçoso

Quando nós lhe preguntamos
Para onde é a ida
Nunca, nunca nós ficamos
Contentes com a saída

Devemos também confessar
O seu profundo tormento
Quando êle vê assomar
O Corrêa sem acento...

Porque o nosso camarada
Uma resposta tem só
Sempre bem preparada:
— «Vou visitar minh'avó...»

«OS OUTROS DOIS»

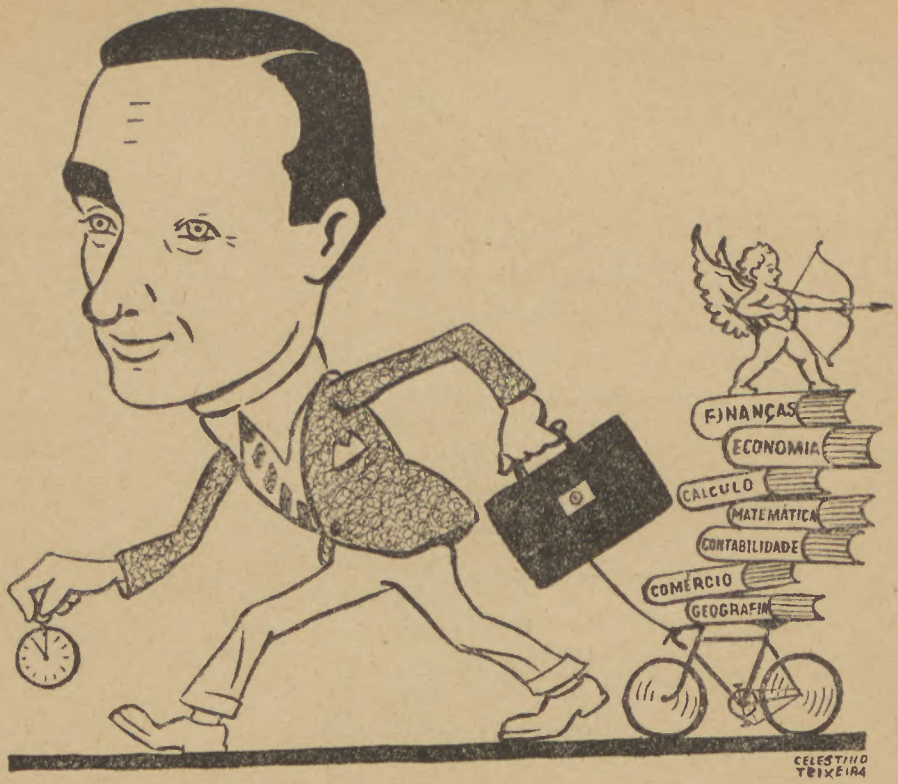
BALTAZAR

Paulo Briand Jorge

É afável, delicado,
Caminha sempre ligeiro
E nunca chega atrazado
Com o seu passo apressado:
É alto como um pinheiro!...

Sem nunca desanimar,
Pelo estudo tem paixão...
Gosta do ténis jogar
E tem prazer em andar
Com uma pasta na mão!

REIS DE SOUSA


FINANÇAS
ECONOMIA
CALCULO
MATEMÁTICA
CONTABILIDADE
COMÉRCIO
GEOGRAFIA
CELESTINO
TEIXEIRA

Sabino Silva da Costa Teixeira

A quem fôsse dado vêr
Alguém em correria
Já fácil era dizer
O nome de quem seria

Rápido vem à mente
O «eu» cronometrado
Dêsse rapaz contente
Ao tempo subjugado

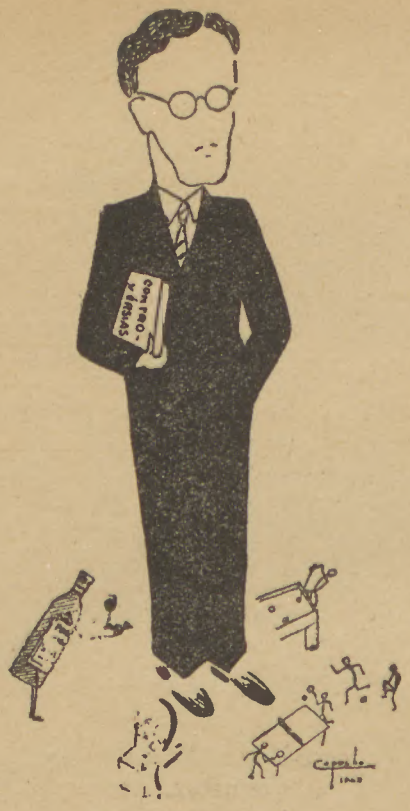
Minutos não despreza
Tudo faz com precisão,
Método e presteza,
Hábil na «ocasião»

Mas tanta a multidão
De assuntos a estudar
Que só a arrumação
O tem podido salvar

A tudo dá o seu ardor
Aos desportos tem de fugir
Para ficar ao amor
Tempo de se expandir

Só não dispensa o pedal
Mesmo que por pouco tempo
Para que não faça mal
Tanto estudo ao pensamento

Agora já nos cheira
O nome do ladino
Êle é o Teixeira
Para todos: o Sabino


CONTRO-
VERSIAS

Vasco Artur de Lima e Oliveira

Inúteis as apresentações
Do mancebo que aqui vêm
Duns, conhecido nas lições
Outros, seu nome acima lêm.

Mas como apesar de tudo
Dúvidas poderiam restar
Não calçando luvas de veludo
Vou suas qualidades apontar.

Boas ou más, ei-las, aí vão
Em rima solta e tétrica.
Verdadeiras garanto que são
Embora versadas sem métrica

É um tipo com esperteza
Na maneira de jogar king,
Faz jogadas com destreza
Que entre todos o distingue.

Êle consente com certeza
Que esta história lhes conte,
De confundir a Portuguesa
C'o a bélica Maria da Fonte.

Não pode jogar a trapeira,
Sem seus olhinhos fechar
«Pá desculpa, foi brincadeira,
Não te queria maguar!»

Não concorda c'o piropo
Entre a malta tão banal,
Acha-o próprio dum garoto
E uma falta de moral.

E a par de alguns senões
Que todos temos no mundo,
Ás tradicionais lições
Se aplicou sempre a fundo.

Em Métodos foi portento,
Em Público meteu lanças,
E merecia monumento
No reinado das Finanças.

Embora firme e constante
No amor é iniciado.
Lançou a rêde, o tratante,
Mas coitado, foi pescado.

E já que te deixaste pescar
Lutar é inutilidade,
Deixa a barcaça vogar
Em busca da felicidade.

RITA

1943
OFICINAS GRÁFICAS
da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*
Rua da Horta Sêca, 7-1.º
LISBOA

960083655X